

The Sustainable
Construction
Observatory

BY SAINT-GOBAIN

Barómetro

Da Construção Sustentável

2026—4ª Edição

Foreword



Benoit Bazin
Presidente e Diretor
Executivo
Grupo Saint-Gobain

“A construção sustentável ainda não está sistematicamente integrada na forma como os projetos são concebidos, financiados e avaliados. Colmatar esta lacuna constitui agora uma das maiores oportunidades para a transformação do sector.”

“

A transformação dos edifícios e das infraestruturas já não se resume apenas a uma questão de sensibilização. Em todo o mundo, a construção sustentável está a avançar, a tornar-se mais estruturada e a ganhar visibilidade. A necessidade torna-se cada vez mais evidente, especialmente em termos de resiliência e adaptação. No entanto, ainda não se tornou a norma. A sua adoção e integração na tomada de decisões operacionais continuam a ser desiguais.

O Barómetro da Construção Sustentável 2026 revela uma discrepância entre a ambição e a implementação. A construção sustentável ainda não está sistematicamente integrada na forma como os projetos são concebidos, financiados e avaliados. Colmatar esta lacuna é uma das maiores oportunidades atuais para a transformação do sector.

A nossa prioridade comum deve agora ser consolidar os principais critérios que influenciam realmente a tomada de decisões. A construção sustentável deve tornar-se uma prioridade na avaliação de custos, prazos, desempenho e exposição ao risco ao longo do ciclo de vida dos edifícios. É assim que garantiremos que os progressos alcançados fiquem firmemente consolidados a longo prazo.

Esta convicção orientou a elaboração do Documento de Ação* pelo Observatório da Construção Sustentável, lançado pela Saint-Gobain na COP30. O seu objetivo é ir além da simples reafirmação de ambições e identificar as alavancas concretas necessárias para ampliar a escala, através de 13 ações prioritárias concebidas para impulsionar a mudança sistémica.

A resiliência é uma ilustração perfeita desta tensão. As regiões expostas a riscos climáticos compreendem a sua importância. No entanto, esta deve ser melhor integrada na tomada de decisões em matéria de investimento e de contratos públicos ou privados. Reconhecer a resiliência como um fator de desempenho e de redução de riscos ajudará a revelar plenamente o seu valor.

A construção sustentável tornar-se-á um fator-chave na tomada de decisões assim que tornarmos os seus benefícios indiscutíveis e visíveis ao longo do tempo e na prática. Para além do desempenho ambiental, isto significa promover melhor os benefícios que traz para o bem-estar dos ocupantes, sem descurar os custos humanos e financeiros da inação.

Transformar uma ambição partilhada em ação em grande escala é da responsabilidade coletiva de todos aqueles que projetam, financiam, regulam e habitam o ambiente construído.»

*Ver: www.saint-gobain.com/en/observatory/action-paper

The Sustainable Construction Observatory

BY SAINT-GOBAIN

O sector da construção está no centro dos grandes desafios que moldam o nosso futuro, situando-se na encruzilhada das questões demográficas, sociais, energéticas e climáticas que as comunidades humanas enfrentam. Estes desafios não podem ser superados sem que o sector acelere a sua transformação rumo a uma construção cada vez mais sustentável: um ambiente construído que contribua positivamente para a saúde e o bem-estar das pessoas, seja resiliente aos riscos climáticos, tenha baixas emissões de carbono e proporcione habitação acessível a todos, sem comprometer a qualidade e o desempenho.

Esta transição requer a mobilização coletiva de todas as partes interessadas – profissionais, instituições e cidadãos. É por isso que a Saint-Gobain lançou o Observatório da Construção Sustentável em 2023, posicionando-se como uma empresa líder, simultaneamente pioneira e força motriz para acelerar a construção sustentável a nível mundial, reunindo todas as partes interessadas.



ESCUTAR

O Observatório analisa o estado da construção sustentável em todo o mundo. Examina as percepções e identifica obstáculos, alavancas de progresso, soluções previstas e principais intervenientes. Oferece uma avaliação do progresso e ajuda-nos a identificar as melhores áreas para concentrar os nossos esforços coletivos.

O Observatório da Construção Sustentável elabora um Barómetro internacional anual, divulgado junto das partes interessadas e do público em geral.



UNIR

O Observatório reúne agentes de todo um mercado internacional fragmentado, incluindo profissionais da construção, instituições e membros do público em geral. Promove a partilha de ideias e melhores práticas e contribui para o desenvolvimento e implementação de novas soluções.

O Observatório da Construção Sustentável organiza as «Conversas sobre Construção Sustentável», encontros internacionais regulares realizados em grandes eventos nacionais e multilaterais.



INFORMAR

O Observatório reúne conhecimento, experiência e análises sobre a construção sustentável, abrangendo tanto os desafios como as possíveis soluções. O seu objetivo é informar as partes interessadas e apoiar a tomada de decisões.

O Observatório da Construção Sustentável lançou uma revista online, Construindo um Futuro Sustentável, para explorar todos os aspetos da construção sustentável, o seu impacto no clima e na sociedade, e dar a conhecer soluções inovadoras e projetos inspiradores.

METODOLOGIA

COMPONENTE QUANTITATIVA

Estudo quantitativo realizado pela Occurrence-Ifop, entre 16 de outubro e 14 de novembro de 2025, com base em duas amostras :

- Partes interessadas (4 800 inquiridos, 30 países, com 18 anos ou mais): questionário online preenchido pelos próprios inquiridos (através das redes sociais do público-alvo), repartidos da seguinte forma :
 - 1 500 profissionais (construção e obras públicas, arquitetura, habitação, organizações profissionais do sector da construção, energia, indústria, gestão de resíduos da construção)
 - 1 500 estudantes (construção, edificação e obras públicas, engenharia civil, arquitetura, design de espaços)
 - 1 200 membros de associações (transição ecológica, habitação, construção, energia, alterações climáticas, economia circular) 600 representantes locais eleitos ou representantes da administração local (nos Emirados Árabes Unidos e na Arábia Saudita, na ausência de representantes locais eleitos, foram entrevistados representantes das autoridades públicas). Método de estudo específico: questionário realizado por telefone.
- Cidadãos (30 000 inquiridos, 30 países, com 18 anos ou mais): 1000 pessoas por país, uma amostra representativa da população de cada país inquirido. Questionário omnibus online.

Uma vez que se trata de um inquérito barométrico, os resultados são comparados com os da edição anterior (Barómetro de 2025). As alterações significativas são indicadas da seguinte forma: +5

As diferenças por perfil e por área geográfica são apresentadas da seguinte forma:

- Resultado significativamente superior : **43%**
- Resultado significativamente inferior : **35%**

Todas as análises contidas neste documento foram validadas pela Occurrence-Ifop.

160 inquiridos entre as partes interessadas por país e 1 000 cidadãos por país. Países inquiridos:

ÁFRICA

África do Sul
Egito
Quênia*
Marrocos

AMÉRICA DO NORTE

Canadá
Estados Unidos

AMÉRICA LATINA

Argentina
Brasil
Colômbia
México

ÁSIA-PACÍFICO

China
Índia
Indonésia
Malásia*
Vietname

EUROPA

Alemanha
Espanha
Finlândia
França
Itália
Noruega
Polónia
Portugal
República Checa
Roménia*
Reino Unido
Suíça
Turquia

MÉDIO ORIENTE

Arábia Saudita
Emirados Árabes Unidos

* novo país em 2026

COMPONENTE QUALITATIVA

Um estudo qualitativo internacional sobre as perceções das instituições financeiras (bancos comerciais, bancos de desenvolvimento, seguradoras) de todo o mundo relativamente às questões de adaptação e resiliência no sector da construção, com 21 inquiridos.

Entrevistas semiestruturadas com duração aproximada de 45 a 60 minutos, realizadas entre 29 de novembro e 23 de dezembro de 2025, por videoconferência ou telefone.

PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Construção sustentável: um conceito já consolidado, mas cuja adoção é desigual.

A construção sustentável é hoje um conceito amplamente reconhecido. 67% das partes interessadas e 39% dos cidadãos afirmam compreender exatamente em que consiste o conceito; 94% e 84%, respetivamente, têm, pelo menos, conhecimento do mesmo.

No entanto, este reconhecimento generalizado coexiste com variações significativas entre regiões e países. A sensibilização das partes interessadas continua a ser mais baixa na Ásia-Pacífico (58%) do que no Médio Oriente (75%), e existem, por vezes, diferenças consideráveis dentro da mesma região: na Europa, o fosso entre a Roménia (86%) e a Chéquia(40%) ilustra a diferença de maturidade entre países da mesma área. Entre os cidadãos, a familiaridade com o conceito continua a ser socialmente diferenciada, sendo mais elevada entre os jovens e os licenciados universitários.

A construção sustentável está, assim, a emergir como um quadro comum, enquanto a sua adoção avança a ritmos diferentes entre regiões e perfis.

A resiliência está a ganhar terreno; é necessário destacar melhor os seus benefícios para manter este impulso.

Entre os critérios citados para definir a construção sustentável, a resiliência continua a ganhar terreno. Após um aumento acentuado na edição anterior (um aumento de 8 pontos entre 2024 e 2025), registou este ano um novo aumento de 5 pontos, tanto entre as partes interessadas como entre os cidadãos, com uma importância particularmente marcante em África e no Médio Oriente, regiões já expostas a condições climáticas extremas.

As entrevistas com partes interessadas do sector financeiro destacam a crescente atenção dada à resiliência, ao mesmo tempo que sublinham a necessidade de clarificar a sua definição e demonstrar um retorno claro do investimento.

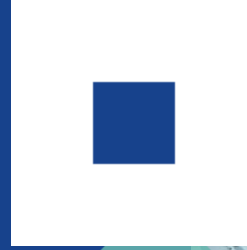
PRINCIPAIS CONCLUSÕES

O valor da construção sustentável: uma questão central.

Para além do conhecimento sobre a construção sustentável, a questão do seu valor revela-se decisiva. 47% das partes interessadas acreditam que a construção sustentável cria mais valor do que a construção tradicional (uma nova pergunta em 2026). Esta perceção é mais fraca em algumas regiões (38% na Ásia-Pacífico, 45% na Europa) e entre os representantes eleitos, com apenas 34% a afirmarem estar convencidos.

A competitividade das soluções continua a ser vista como um fator crucial para acelerar a construção sustentável: tal como na edição anterior, é citada por quase um em cada três intervenientes. Além disso, os inquiridos a favor de «retroceder» na construção sustentável (uma opinião minoritária, representando apenas 6% dos intervenientes) citam principalmente os custos excessivos e a falta de garantias de desempenho para os utilizadores.

Já não se trata apenas de afirmar as ambições da construção sustentável. É necessário demonstrar o seu valor: apresentar benefícios tangíveis, garantir o desempenho para os utilizadores e comprovar a competitividade das soluções, a fim de se estabelecerem firmemente na tomada de decisões por parte das partes interessadas.



PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Intenções comuns, mas poucas medidas concretas até agora.

Existe um amplo consenso quanto à necessidade de acelerar o ritmo: 87% das partes interessadas acreditam que é necessário ir mais longe. As partes interessadas a montante na cadeia de valor (arquitetos e empresas de engenharia) continuam a ser identificadas como impulsionadoras (56%, valor estável), e o impulso esperado baseia-se na cooperação entre as partes interessadas, em vez de num único líder.

No entanto, pelo terceiro ano consecutivo, os profissionais têm dificuldade em acompanhar o ritmo. Apenas 32% dos profissionais avaliam regularmente as pegadas de carbono e 30% afirmam já realizar projetos sustentáveis, em comparação com 55% que afirmam que «pretendem fazê-lo». Entre os representantes eleitos, embora a sustentabilidade continue a ser um critério importante na adjudicação de contratos públicos (86%), este valor diminuiu desde a edição anterior (98% em 2025). Entre estudantes e associações, as boas intenções continuam a pesar mais do que a ação: 78% dos estudantes valorizam a formação em construção sustentável, mas apenas 5% recusariam categoricamente uma oferta de emprego de uma empresa que não esteja comprometida com a sustentabilidade. 24% das associações já boicotaram projetos não sustentáveis, enquanto 50% poderão fazê-lo no futuro.

A adesão dos cidadãos como fator determinante para acelerar a implementação?

O barómetro destaca também o importante papel dos cidadãos na aceleração da transição para a construção sustentável.

63% dos cidadãos consideram o desenvolvimento de uma construção mais sustentável uma prioridade, um aumento de 4 pontos em relação à edição anterior. Os cidadãos estão também a dar cada vez mais atenção aos benefícios para a saúde e o bem-estar dos ocupantes: 19% dos cidadãos incluem agora este aspeto na sua definição de construção sustentável (um aumento de 4 pontos).

Além disso, quase um terço dos cidadãos e partes interessadas acredita que a sensibilização do público é essencial para acelerar o progresso.

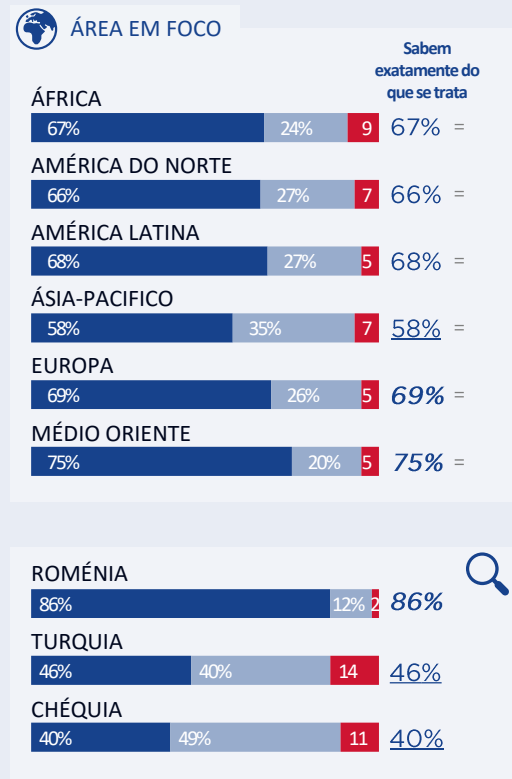
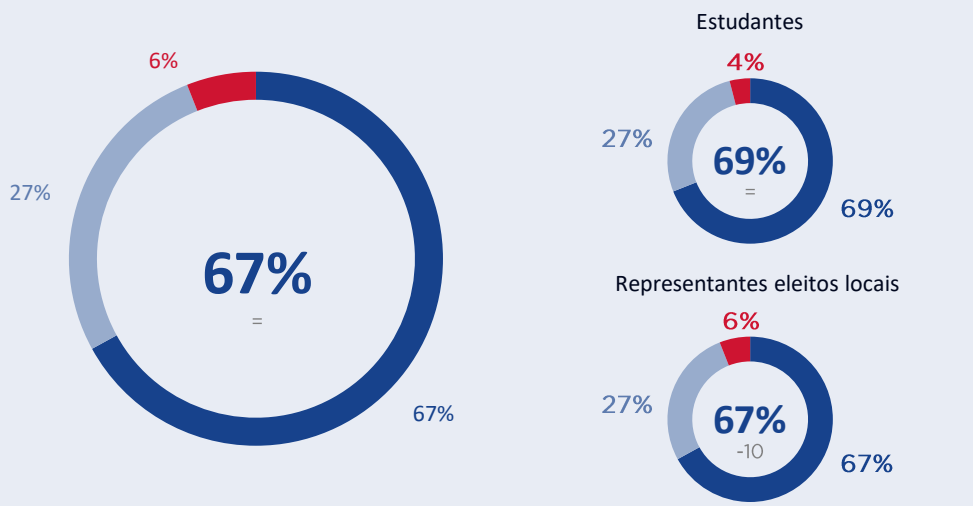
Reforçar a visibilidade do valor criado — em particular para os utilizadores dos edifícios — pode, por isso, desempenhar um papel fundamental na aceleração da adoção e na generalização das práticas de construção sustentável.



**Sensibilização e compreensão da
construção sustentável**

UMA PERCEÇÃO ESTÁVEL, MAS COM GRANDES DISPARIDADES REGIONAIS

Está familiarizado com o conceito de construção sustentável ou já ouviu falar dele?



● Sim, e sei exatamente do que se trata ● Sim, mas não sei realmente nada sobre isso ● Não, nunca ouvi falar

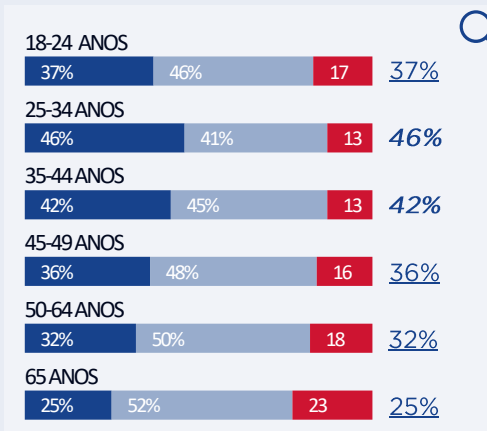
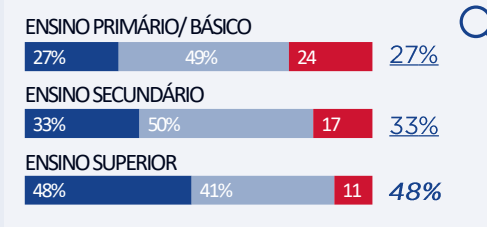
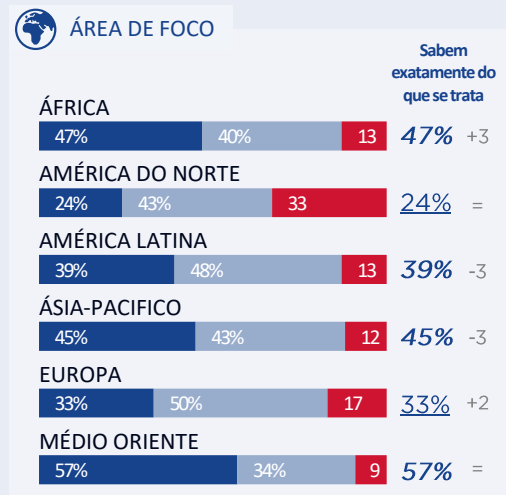
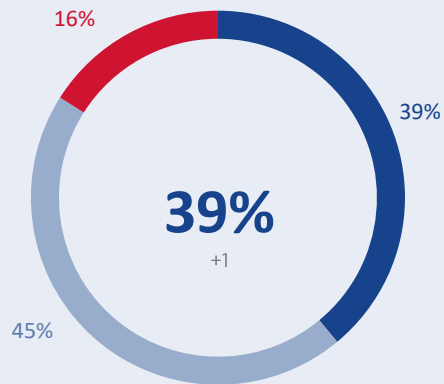
A noção de construção sustentável estabilizou-se este ano: 67% das partes interessadas afirmam saber exatamente do que se trata e 94% já ouviram falar do tema. Entre os representantes eleitos, após um pico em 2025, verificou-se este ano uma descida de 10 pontos, o que os trouxe de volta ao nível médio de todas as partes interessadas.

Por trás desta estabilidade geral, no entanto, existem disparidades regionais significativas. A Ásia-Pacífico fica para trás, com 58% dos inquiridos a afirmar que estão familiarizados com o conceito, em comparação com 69% na Europa e 75% no Médio Oriente.

As disparidades são também evidentes dentro das regiões. Na Europa, por exemplo, 86% das partes interessadas na Roménia afirmam estar familiarizadas com o conceito de construção sustentável, em comparação com apenas 40% na Chéquia, uma diferença de 46 pontos entre os dois países.

NÍVEL ELEVADO DE SENSIBILIZAÇÃO, MAS CONHECIMENTO LIMITADO ENTRE OS CIDADÃOS, COM DIFERENÇAS DEMOGRÁFICAS SIGNIFICATIVAS

Está familiarizado com o conceito de construção sustentável ou já ouviu falar dele?



● Sim, e sei exatamente do que se trata ● Sim, mas não sei realmente nada sobre isso ● Não, nunca ouvi falar

84% dos cidadãos afirmam já ter ouvido falar de construção sustentável, e quase 4 em cada 10 (39%) consideram que sabem exatamente do que se trata. No entanto, o conhecimento é muito desigual, com disparidades geográficas e sociodemográficas significativas.

Tal como em 2025, a América Do Norte e a Europa parecem estar, de um modo geral, a ficar para trás. Tal como acontece com as partes interessadas, também se observam contrastes marcantes dentro das regiões. Na Europa, a Roménia regista 65% de conhecimento, em comparação com 14% na Chéquia. Na Ásia, a Índia situa-se nos 60%, em comparação com 29% na Malásia.

Os fatores sociodemográficos também fazem a diferença, particularmente o nível de escolaridade e a idade. Assim, 48% dos licenciados afirmam estar familiarizados com o conceito, em comparação com 27% dos cidadãos sem diploma universitário. Da mesma forma, 46% dos cidadãos com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos afirmam estar familiarizados com o conceito, em comparação com 25% dos que têm 65 anos ou mais.

PERCEÇÃO DA CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL CENTRADA NA EFICIÊNCIA ENERGÉTICA, COM A RESILIÊNCIA A GANHAR TERRENO

Qual das seguintes definições se adequa melhor à construção sustentável?

	Evol.	ÁFRICA	AMÉRICA DO NORTE	AMÉRICA LATINA	ÁSIA-PACÍFICO	EUROPA	MÉDIO ORIENTE
Construção energeticamente eficiente	-	29%	31%	32%	25%	36%	36%
Construção com materiais ecológicos	=	22%	19%	50%	26%	30%	11%
Construção com o objetivo de alcançar a neutralidade carbônica	-3	15%	32%	19%	21%	33%	20%
Construção capaz de resistir a riscos naturais e climáticos	+5	42%	22%	21%	31%	18%	41%
Construção evolutiva, capaz de se adaptar a novas utilizações	=	23%	20%	19%	21%	21%	32%
Construção destinada a reduzir os resíduos de construção	=	18%	23%	23%	24%	16%	14%
Construção que utiliza menos materiais não renováveis	=	15%	24%	11%	16%	22%	16%
Construção que promove o bem-estar e a saúde dos ocupantes	=	20%	19%	15%	25%	15%	16%

● Primeira ● Total



Embora a eficiência energética continue a ser o fator mais frequentemente citado em relação à construção sustentável (33%), a definição do conceito continua a evoluir no sentido de uma maior resiliência (mencionada por 26% das partes interessadas, um aumento de 5 pontos este ano, após um aumento de 8 pontos em 2025).

No entanto, esta tendência varia consideravelmente consoante o contexto: a resiliência é citada com mais frequência pelos inquiridos de regiões onde o risco é percebido como particularmente tangível. É assim citada por mais de 40% das partes interessadas em África e no Médio Oriente, em comparação com 22% na América Do Norte e 18% na Europa.

Dadas as diferenças observadas entre regiões e países, o desafio mais amplo, agora mais do que nunca, é desenvolver uma narrativa que seja partilhada e adaptável, ao mesmo tempo que se baseia nas perceções locais do que significa construção sustentável.

A DEFINIÇÃO DOS CIDADÃOS É DOMINADA PELOS ASPETOS MATERIAIS, MAS É CADA VEZ MAIS MARCADA PELA RESILIÊNCIA

Qual das seguintes definições se adequa melhor à construção sustentável?

	Evol.	ÁFRICA	AMÉRICA DO NORTE	AMÉRICA LATINA	ÁSIA-PACÍFICO	EUROPA	MÉDIO ORIENTE
Construção com materiais ecológicos	-3	20%	28%	54%	28%	41%	19%
Construção energeticamente eficiente	-3	24%	28%	26%	23%	39%	29%
Construção capaz de resistir a riscos naturais e climáticos	+5	39%	22%	25%	35%	22%	32%
Construção destinada a reduzir os resíduos de construção	-	23%	27%	20%	23%	15%	26%
Construção que utiliza menos materiais não renováveis	-1	16%	26%	17%	16%	20%	20%
Construção que promove o bem-estar e a saúde dos ocupantes	+4	26%	16%	19%	26%	14%	20%
Construção com o objetivo de alcançar a neutralidade carbónica	-4	12%	25%	11%	18%	22%	18%
Construção evolutiva, capaz de se adaptar a novas utilizações	+1	21%	10%	14%	22%	11%	21%

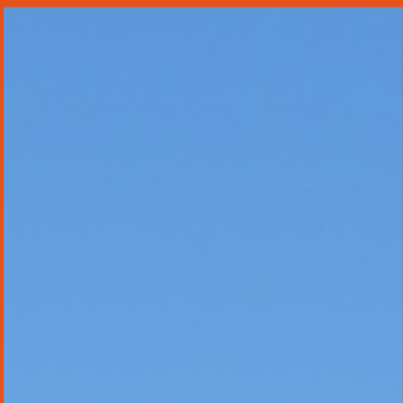
● Primeira ● Total



Para os cidadãos, a construção sustentável está associada principalmente à utilização de materiais ecológicos (35%). Tal como no caso das partes interessadas, este resultado é impulsionado pela América Latina, com 54%. A eficiência energética, que também ocupa uma posição de destaque (31%), é impulsionada, em particular, pela Europa (39%).

Tal como acontece com as partes interessadas, a resiliência dos edifícios face aos riscos climáticos aumentou 5 pontos este ano e é a prioridade em África (39%), Ásia-Pacífico (35%) e no Médio Oriente (32%).

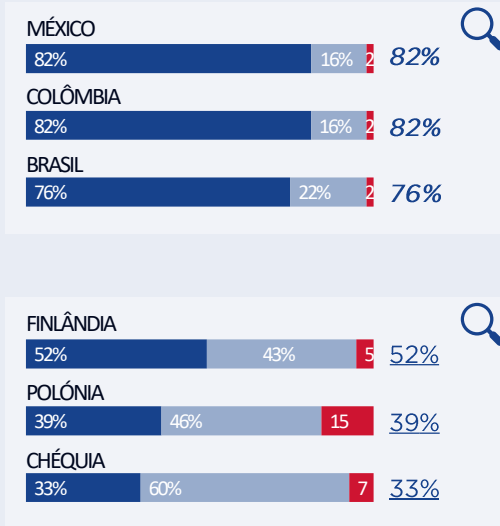
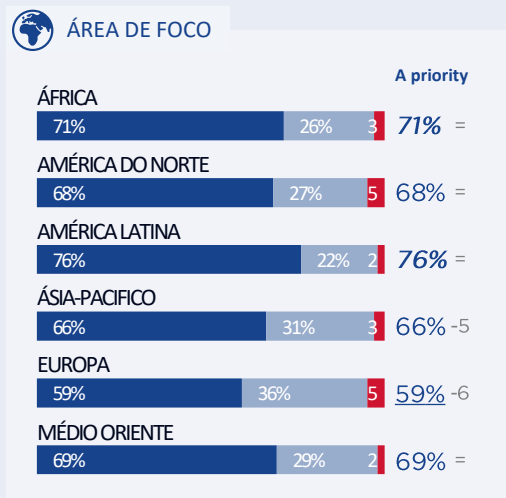
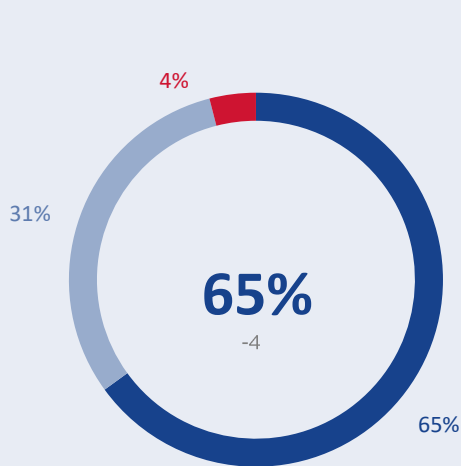
Por último, a saúde e o bem-estar dos ocupantes estão a ganhar terreno (19%, um aumento de 4 pontos) e estão gradualmente a emergir como uma componente-chave da construção sustentável, particularmente na África e na região da Ásia-Pacífico, onde mais de um em cada quatro cidadãos cita esta questão.



**Importância e valor
percepcionado da construção
sustentável**

A CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL COMO PRIORIDADE: EM BAIXA NA EUROPA, AINDA FORTE NA AMÉRICA LATINA

Na sua opinião, diria que a implementação de práticas de construção mais sustentáveis é...?



● Uma prioridade ● Importante, mas não é uma prioridade ● De importância secundária

Base: partes interessadas (4 800 inquiridos) – resposta única



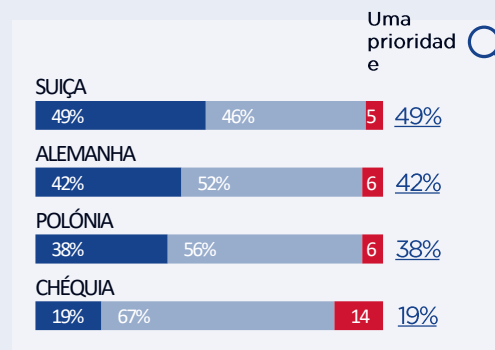
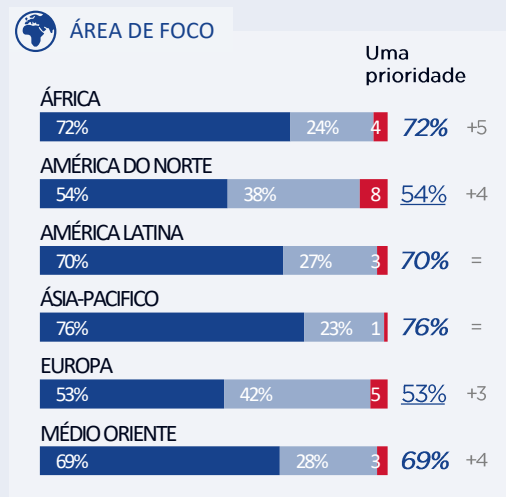
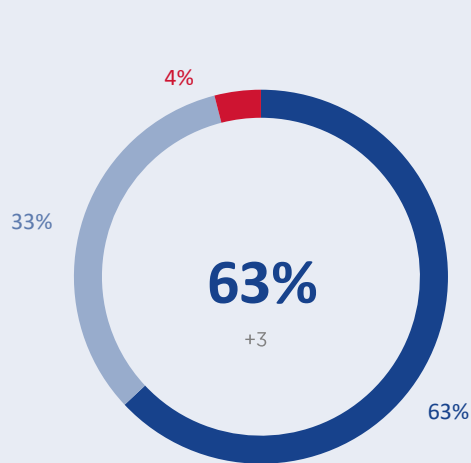
Quase dois em cada três intervenientes (65%) consideram que a implementação de práticas de construção mais sustentáveis é uma prioridade. No entanto, este valor representa uma descida de 4 pontos em relação ao ano passado, com 31% dos inquiridos a responderem que se trata de algo «importante, mas não prioritário» em 2026, o que indica um ligeiro declínio no sentido de urgência percebido.

Este declínio é impulsionado principalmente pela Europa: apenas 59% dos inquiridos consideram a questão uma prioridade, uma descida de 6 pontos e significativamente abaixo da média global. Especificamente, vários países destacam-se pelos seus resultados notavelmente mais baixos, incluindo a Finlândia (52%), a Polónia (39%) e a Chéquia (33%), refletindo uma perceção de que a questão é menos urgente.

Em contrapartida, o nível de urgência percebida mantém-se elevado na América Latina: 76% das partes interessadas consideram a construção sustentável uma prioridade. As pontuações são particularmente elevadas no México e na Colômbia (82% em ambos os países) e no Brasil (76%).

TAMBÉM UMA PRIORIDADE PARA OS CIDADÃOS, MAS A EUROPA E A AMÉRICA DO NORTE FICAM PARA TRÁS

Na sua opinião, diria que a implementação de práticas de construção mais sustentáveis é...?



● Uma prioridade ● Importante, mas não é uma prioridade ● De importância secundária



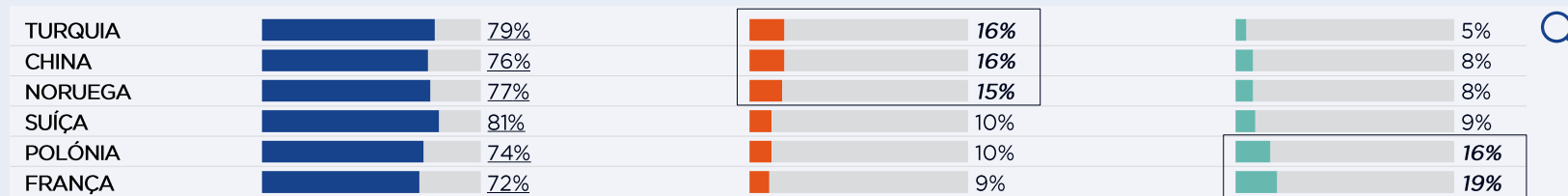
Ao contrário das partes interessadas, os cidadãos consideram cada vez mais a construção sustentável uma prioridade, com um aumento de 3 pontos este ano, para 63%.

No entanto, esta pontuação global elevada esconde disparidades geográficas significativas. Apenas 54% dos cidadãos na América do Norte consideram a construção sustentável uma prioridade, e apenas 53% na Europa. Apesar de ligeiras melhorias, ambas as regiões continuam claramente a ficar para trás, com pontuações pelo menos 15 pontos abaixo das observadas noutros locais (76% na Ásia-Pacífico, por exemplo).

A diferença é particularmente acentuada na Europa, a única região onde vários países ficaram abaixo do limiar de um em cada dois cidadãos que consideram a construção sustentável uma prioridade: Suíça (49%), Alemanha (42%), Polónia (38%) e Chéquia (19%). Isto reflete uma mudança para «importante, mas não uma prioridade», sugerindo uma redução na intensidade da adesão, em vez de uma rejeição total da questão.

CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL: UM FORTE DESEJO DE FAZER MAIS, NO MEIO DE TENDÊNCIAS NACIONAIS CONTRASTANTES

↑ No que diz respeito à construção sustentável, diria que...?



Mais uma vez este ano, uma grande maioria das partes interessadas (87%) afirma que «precisamos de fazer mais» no domínio da construção sustentável. Este resultado mantém-se estável e continua a ser impulsionado, em particular, pela América Latina (94%) e pelo Médio Oriente (91%).

Também nesta questão, as tendências variam significativamente de país para país: a França e a Polónia tendem a favorecer o status quo (mais de 15% dos inquiridos acreditam que «está tudo bem como está»), enquanto a Noruega e a Turquia mostram uma tendência mais forte para recuar (mais de 15% dos inquiridos afirmam que «precisamos de recuar»).

A China destaca-se particularmente pela sua mudança acentuada este ano: a percentagem de inquiridos que afirma «precisamos de recuar» subiu para 16%, face aos 4% registados em 2025.

UMA QUESTÃO DE CONFIANÇA E DE VALOR PERCECIONADO

Indicou que pretende afastar-se do sector da construção sustentável. Quais são as principais razões?

As 3 principais razões apresentadas:



19%

Existe uma falta de interesse pelas questões ambientais entre os investidores e empreiteiros

16%

Os custos são considerados demasiado elevados pelos compradores-utilizadores

16%

Existe uma falta de garantias quanto ao desempenho efetivo da construção sustentável (energia, conforto, durabilidade) para os compradores-utilizadores

NOVA PERGUNTA

As partes interessadas que pretendem reverter os avanços na construção sustentável invocam duas razões principais:

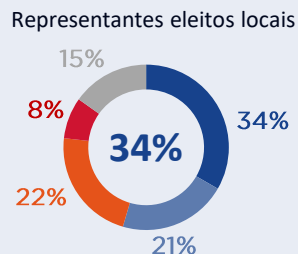
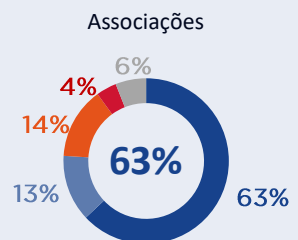
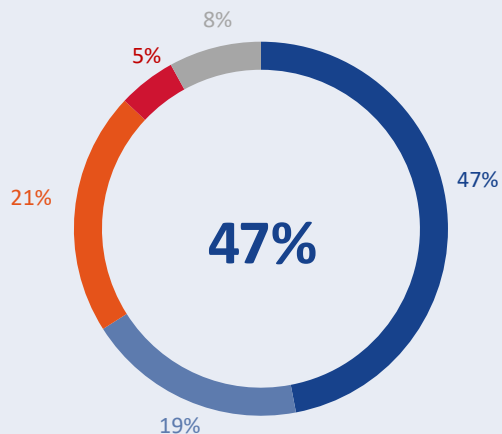
- Em primeiro lugar, 19% consideram que as questões ambientais já não constituem uma prioridade máxima para os investidores e promotores imobiliários, o que poderá refletir uma mudança na importância atribuída às questões de sustentabilidade no atual contexto macroeconómico e geopolítico.
- Em segundo lugar, os inquiridos apresentaram argumentos baseados em questões económicas e de eficiência: 16% referem o custo elevado que lhes parece existir, enquanto 16% afirmam que os níveis de desempenho para os utilizadores ainda não estão suficientemente garantidos ou comprovados.

Em geral, estes fatores apontam para obstáculos tanto de reputação (perda da perceção de prioridade) como económicos (falta de um retorno comprovado do investimento), que afetam simultaneamente a confiança dos investidores e a capacidade de demonstrar benefícios tangíveis para os utilizadores.

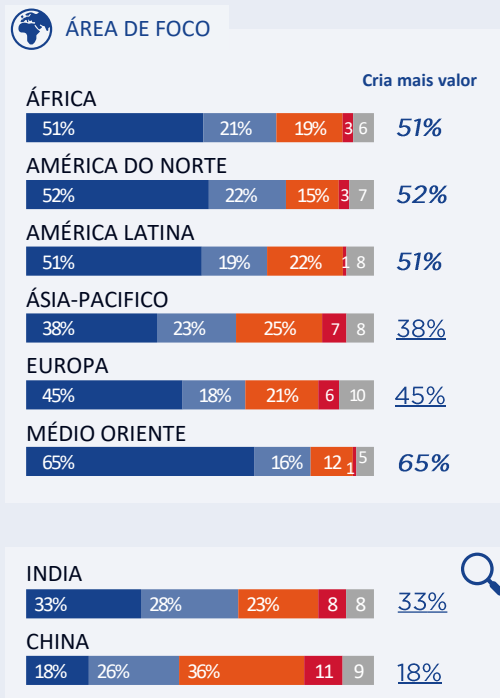
DA CONFORMIDADE À ADESÃO: O DESAFIO DE DEMONSTRAR O VALOR

Na sua opinião, hoje em dia, a construção sustentável, tendo em conta tanto a sua rentabilidade económica como o seu valor global (ambiental, social, patrimonial)...

NOVA PERGUNTA



- Cria mais valor do que a construção tradicional
- Cria tanto valor quanto a construção tradicional
- Cria valor, mas menos do que a construção tradicional
- Não acrescenta qualquer valor
- Não sei



47% das partes interessadas acreditam que a construção sustentável gera mais valor do que a construção tradicional. Esta convicção é particularmente forte entre as associações (63%), mas muito menos entre os representantes eleitos, sendo que mais de um em cada quatro acredita que gera menos valor do que a construção tradicional ou nenhum valor de todo. Em termos geográficos, a Ásia-Pacífico e a Europa apresentam níveis mais baixos de adesão, com menos de metade das partes interessadas convencidas do valor acrescentado.

Esta perceção também suscita dúvidas nos dois países mais populosos do mundo. Na Índia, 33% acreditam que a construção sustentável cria mais valor, enquanto 23% acreditam que cria menos. Na China, 18% acreditam que cria mais valor e 36% acreditam que cria menos.

Esta conclusão torna a demonstração de valor uma questão central na promoção da adoção com base na adesão, em vez de apenas na conformidade.

A photograph of a modern building facade covered in lush green plants and trees, illustrating a vertical garden or green wall. The building has a light-colored facade and dark window frames. The plants are dense and vibrant green, cascading down the sides of the building. In the foreground, there is a large, dark blue geometric graphic consisting of several overlapping triangles and squares, partially obscuring the lower left portion of the building. The sky is clear and blue.

Objetivos e alavancas prioritárias

COMPETITIVIDADE, SENSIBILIZAÇÃO E ALINHAMENTO DAS PARTES INTERESSADAS NO TOPO DA AGENDA

Na sua opinião, qual das seguintes medidas deve ser implementada com prioridade para acelerar o desenvolvimento da construção sustentável?

	Evol.	ÁFRICA	AMÉRICA DO NORTE	AMÉRICA LATINA	ÁSIA-PACÍFICO	EUROPA	MÉDIO ORIENTE
Tornar os materiais, produtos e soluções sustentáveis mais competitivos	32%	= 34%	34%	32%	<u>28%</u>	32%	40%
Sensibilizar o público para os desafios da construção sustentável	31%	= 35%	31%	38%	35%	<u>25%</u>	45%
Sensibilizar todas as partes interessadas e reforçar a sua colaboração	30%	= 35%	36%	35%	30%	<u>25%</u>	33%
Tornar o desempenho sustentável das construções mais visível e transparente	27%	= 34%	31%	27%	31%	<u>23%</u>	33%
Dar prioridade à utilização de biomateriais em detrimento dos materiais convencionais	26%	- 28%	23%	25%	32%	<u>23%</u>	30%
Formar mais profissionais	22%	= 23%	20%	27%	23%	23%	<u>11%</u>
Oferecer novas soluções inovadoras	21%	= 26%	<u>16%</u>	20%	26%	<u>18%</u>	28%
Renovar edifícios existentes	17%	= <u>10%</u>	17%	<u>8%</u>	<u>12%</u>	25%	<u>8%</u>



Tal como no ano passado, quase um em cada três intervenientes inquiridos aponta dois fatores prioritários para acelerar a transição do sector: reforçar a competitividade das soluções sustentáveis (32%) e sensibilizar o público em geral (31%) e as partes interessadas (30%).

Estes dois sinais sugerem que propor novas soluções (21%) é menos importante do que criar as condições adequadas para a implementação das soluções já disponíveis. Isto significa melhorar a acessibilidade financeira, facilitando simultaneamente a adoção generalizada em toda a cadeia de valor (projetistas, financiadores, empreiteiros, utilizadores).

Embora exista um amplo consenso sobre as prioridades, surgem, no entanto, diferenças regionais: a renovação está mais em destaque na Europa (25%), enquanto existe um interesse mais forte nos biomateriais na Ásia-Pacífico (32%).

A COMPETITIVIDADE E A SENSIBILIZAÇÃO SÃO TAMBÉM PRIORIDADES PARA OS CIDADÃOS

Na sua opinião, qual das seguintes medidas deve ser implementada com prioridade para acelerar o desenvolvimento da construção sustentável?

	Evol.	ÁFRICA	AMÉRICA DO NORTE	AMÉRICA LATINA	ÁSIA-PACÍFICO	EUROPA	MÉDIO ORIENTE
Tornar os materiais, produtos e soluções sustentáveis mais competitivos	=	<u>30%</u>	34%	34%	39%	<u>28%</u>	33%
Sensibilizar o público para os desafios da construção sustentável	-1	37%	<u>24%</u>	38%	35%	<u>23%</u>	30%
Tornar o desempenho sustentável das construções mais visível e transparente	+2	33%	28%	32%	37%	<u>22%</u>	32%
Dar prioridade à utilização de biomateriais em detrimento dos materiais convencionais	-2	28%	26%	28%	37%	<u>24%</u>	26%
Sensibilizar todas as partes interessadas e reforçar a sua colaboração	+2	33%	<u>17%</u>	26%	26%	<u>15%</u>	25%
Propor novas soluções inovadoras	-1	23%	<u>19%</u>	23%	<u>21%</u>	21%	20%
Renovar edifícios existentes	-2	<u>13%</u>	18%	<u>9%</u>	<u>11%</u>	23%	<u>14%</u>
Formar mais profissionais	+2	18%	15%	18%	18%	16%	<u>12%</u>



Para os cidadãos, tornar as soluções sustentáveis mais competitivas é a principal prioridade para acelerar o desenvolvimento da construção sustentável (32%), seguida da sensibilização do público (29%) e do aumento das expectativas em matéria de transparência sobre o desempenho dos edifícios (um ligeiro aumento para 28%).

Estes resultados refletem duas expectativas fundamentais: tornar as soluções mais acessíveis e fornecer informações mais claras e verificáveis sobre os seus benefícios reais.

Tal como acontece com as partes interessadas, as prioridades são amplamente partilhadas, embora com algumas variações regionais: maior ênfase na sensibilização do público na América Latina (38%), na sensibilização e colaboração das partes interessadas em África (33%), um foco na transparência do desempenho e nos biomateriais na região da Ásia-Pacífico (37% para ambos os itens) e uma maior ênfase na renovação na Europa (23%).

OS PROFISSIONAIS DE PROJETO SÃO, DE LONGE, OS AGENTES MAIS LEGÍTIMOS

Quais dos seguintes agentes considera mais adequados para promover a construção sustentável?

		Evol.	ÁFRICA	AMÉRICA DO NORTE	AMÉRICA LATINA	ÁSIA-PACÍFICO	EUROPA	MÉDIO ORIENTE
Arquitetos e engenheiros de construção	56%	=	67%	57%	47%	54%	56%	62%
Empresas privadas do sector da construção	38%	-6	36%	32%	50%	35%	37%	37%
Autoridades eleitas locais ou representantes do governo local	30%	*	28%	41%	34%	29%	26%	32%
Instituições públicas	27%	-8	19%	19%	23%	23%	35%	23%
Cidadãos	16%	=	14%	16%	19%	16%	15%	14%
Associações	11%	=	9%	10%	12%	19%	9%	6%
Comerciantes	9%	+2	8%	16%	5%	10%	9%	13%



Os arquitetos e as empresas de engenharia continuam a ser considerados os intervenientes mais legítimos na promoção da construção sustentável (56%), à frente das empresas privadas do sector (38%, uma descida de 6 pontos) e dos representantes eleitos locais ou dos representantes do poder local (30%).

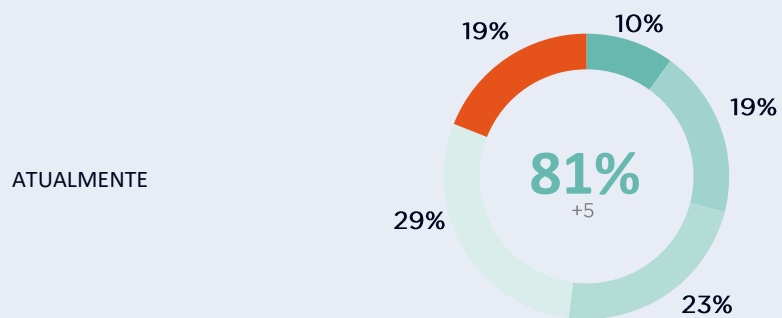
Esta hierarquia destaca o papel de liderança que se espera dos profissionais de projeto e dos peritos técnicos que atuam na fase inicial da cadeia de valor.

Existem variações regionais significativas nesta matéria, refletindo diferenças na estrutura das instituições e do sector de uma região para outra.

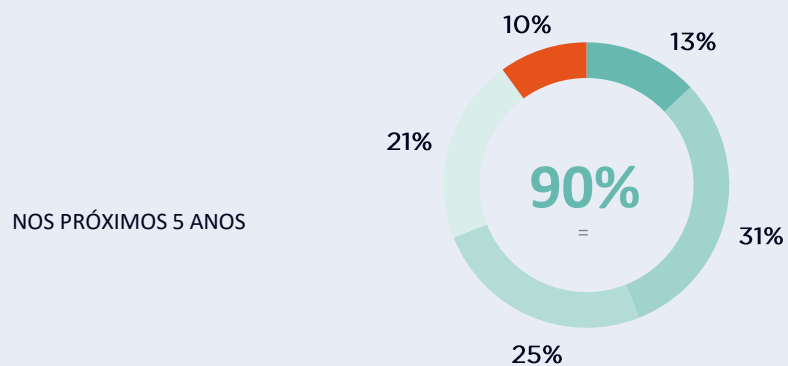
- A legitimidade dos arquitetos é, assim, considerada particularmente elevada em África (67%) e no Médio Oriente (62%).
- As empresas privadas são citadas com mais frequência na América Latina (50%). As instituições públicas obtêm uma pontuação mais elevada na Europa (35%).
- Os representantes eleitos locais são citados com mais frequência na América do Norte (41%).

A CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL, UMA TENDÊNCIA EM ASCENSÃO E QUE SE CONSOLIDA

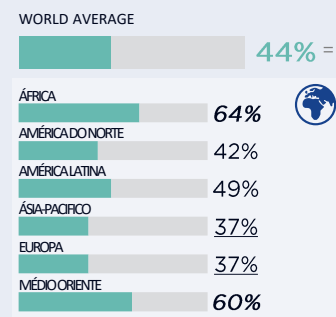
A sua empresa dedica-se, no todo ou em parte, ao sector da construção sustentável?



De 50% a 100% do seu negócio



Entre 50% e 100% da sua atividade nos próximos 5 anos



● Sim, totalmente
● Sim, mais de 50%
● Sim, entre 25% e 50%
● Sim, menos de 25%
● Não se enquadra no âmbito da construção sustentável

81% dos profissionais afirmam agora que a totalidade ou parte da sua atividade se insere no domínio da construção sustentável, um aumento em relação ao ano passado. A percentagem dos que desenvolvem uma atividade predominantemente sustentável (50-100%) situa-se nos 29%, enquanto a percentagem de profissionais sem qualquer atividade neste domínio diminuiu 5 pontos, para 19%.

Olhando para os próximos cinco anos, 90% esperam que parte da sua atividade se insira na construção sustentável e 44% prevêem que a maior parte da sua atividade será sustentável, um sinal de que a transição para a construção sustentável continua a ser uma tendência imparável.

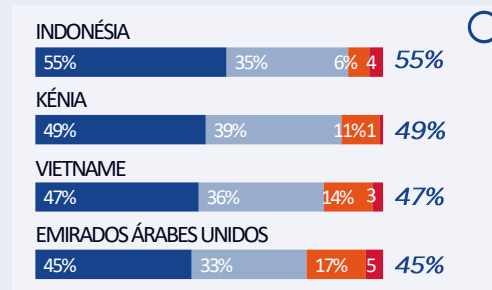
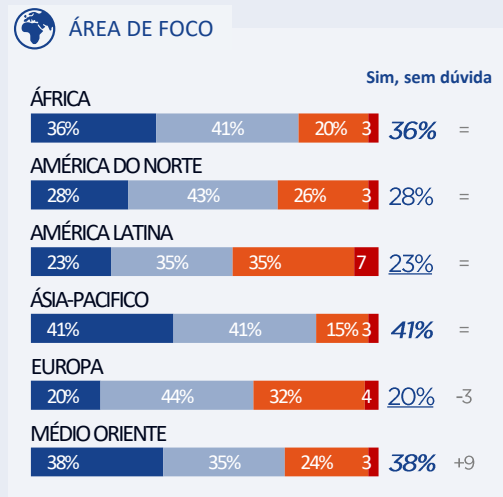
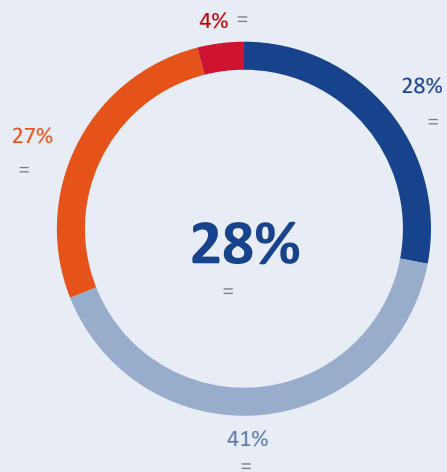
As projeções variam por região: África e o Médio Oriente apresentam projeções a cinco anos acima da média global (64% e 60%, respetivamente, de atividade predominantemente sustentável), enquanto a Europa e a Ásia-Pacífico apresentam níveis mais modestos (37% em ambas as regiões).

Informação e formação



SENTIMENTO LIMITADO DE ESTAR BEM INFORMADO, COM A EUROPA A FICAR MUITO PARA TRÁS

↑ Sente-se suficientemente informado sobre o tema da construção sustentável?



● Sim, sem dúvida. ● Sim, de certa forma ● Não, não muito ● Não, de modo algum



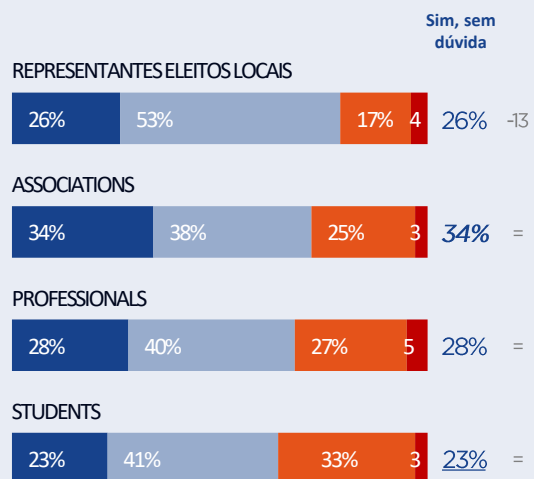
A sensação de estar suficientemente informado sobre a construção sustentável mantém-se estável, com mais de dois terços das partes interessadas (69%) a responderem afirmativamente. No entanto, aqueles que afirmam estar totalmente informados continuam a ser uma minoria, representando 28%.

Existem variações regionais significativas. Na Europa, apenas 20% das partes interessadas se consideram totalmente informadas, uma descida em relação a 2025. Em contrapartida, a Ásia, o Médio Oriente e a África parecem estar mais bem preparadas em termos de sensibilização, com mais de um terço das partes interessadas a afirmar estar totalmente informada e cerca de 80% pelo menos parcialmente informadas.

Estas diferenças são confirmadas na repartição por país: os quatro países com a maior proporção de inquiridos totalmente informados situam-se na Ásia e em África (Indonésia, Quénia, Vietname e Emirados Árabes Unidos), e quase metade dos inquiridos nestes países afirma estar totalmente informada.

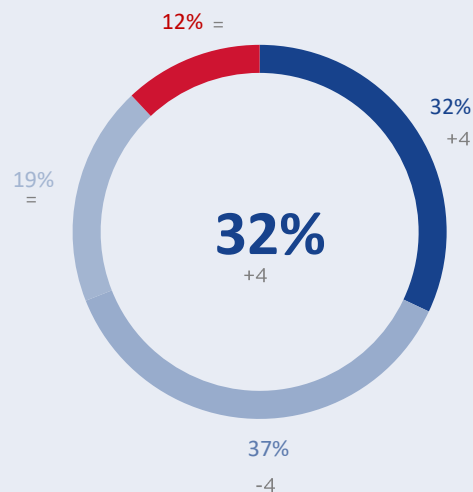
ASSOCIAÇÕES: AS MAIS BEM INFORMADAS SOBRE A CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL

➤ Sente-se suficientemente informado sobre o tema da construção sustentável?



● Sim, sem dúvida ● Sim, de certa forma
● Não, não muito ● Não, de modo algum

➤ No âmbito da sua formação, recebe aulas sobre construção sustentável?



● Sim, regularmente ● Yes, sometimes
● Sim, mas raramente ● Não, de modo algum



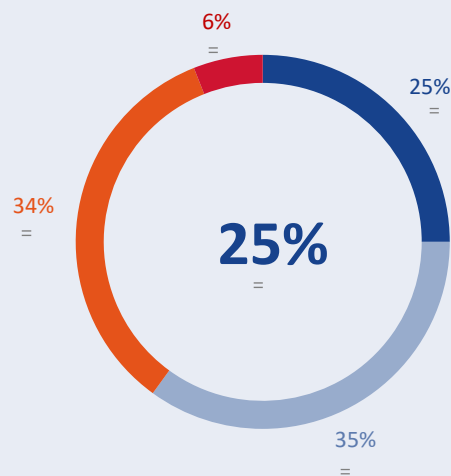
A sensação de estar bem informado varia entre as partes interessadas, mas mantém-se, em geral, limitada: as associações consideram-se mais bem informadas do que os outros (34% sentem-se totalmente informados), enquanto os profissionais do sector e os representantes eleitos situam-se na média (28% e 26%, respetivamente) e os estudantes abaixo da média (23%).

No entanto, 32% dos estudantes referem que recebem regularmente formação sobre construção sustentável no âmbito dos seus estudos. Este tipo de formação deve, portanto, ser disponibilizado de forma mais ampla, para promover uma sensação mais forte de estar bem informado entre os estudantes.

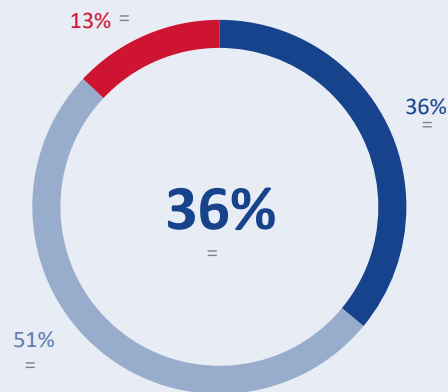
Embora menos representantes eleitos afirmem estar totalmente informados do que no ano passado (uma descida de 13 pontos), mantêm-se no nível médio das partes interessadas, com 53% a afirmar que estão «razoavelmente» bem informados sobre o tema da construção sustentável.

AINDA HÁ MARGEM PARA MELHORIAS NA FORMAÇÃO

↗ Sente-se suficientemente qualificado no tema da construção sustentável?



↗ Já recebeu formação em construção sustentável?



- Sim, sem dúvida
- Sim, de certa forma
- Não, não muito
- Não, de forma alguma

- Sim
- Não, mas pretendo fazê-lo
- Não, e não tenho qualquer intenção de o fazer



Um quarto dos profissionais (25%) afirma ter formação completa em construção sustentável, um valor que se coaduna com a sua sensação de estarem bem informados (28%). Por outro lado, a proporção daqueles que consideram não ter recebido qualquer formação continua a ser insignificante: representa apenas 6 % dos profissionais familiarizados com o tema.

Tal como os estudantes, mais de um terço dos profissionais (36%) afirma já ter frequentado pelo menos um curso sobre construção sustentável.

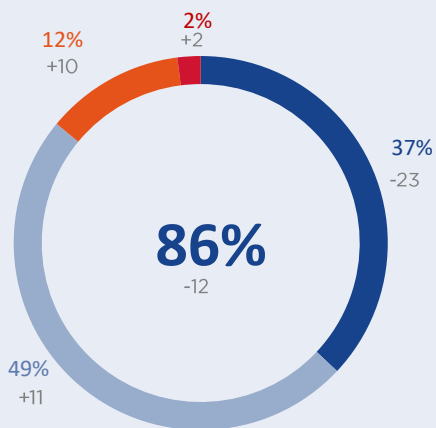
No entanto, isto levanta questões sobre o papel e o impacto dos programas de formação: 60% afirmam estar suficientemente bem formados, mas apenas 36% frequentaram efetivamente um curso de formação.



**Compromissos concretos
assumidos pelas partes
interessadas**

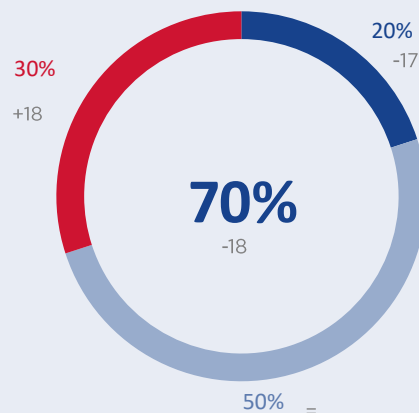
ELECTED OFFICIALS LESS WILLING TO TAKE CONCRETE ACTION

Atualmente, na qualidade de representante eleito, no que diz respeito a projetos de construção, a dimensão da sustentabilidade é um critério importante ou irrelevante entre os critérios para a adjudicação de contratos públicos?



- Muito importante
- Mais ou menos importante
- Não é muito importante
- Não tem qualquer importância

Está pessoalmente disposto a excluir dos contratos públicos de construção civil os projetos que não tenham em conta métodos de construção sustentáveis?



- Sim, já o fiz
- Sim, é essa a minha intenção
- Não



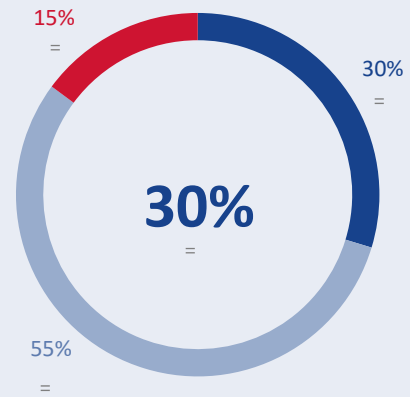
A sustentabilidade de um projeto de construção é considerada um critério importante na adjudicação de contratos por 86% dos representantes eleitos, sendo que 37% deles a consideram muito importante: uma descida de 23 pontos em relação ao ano passado.

Da mesma forma, menos representantes eleitos afirmam já ter rejeitado projetos que não incorporavam métodos de construção sustentáveis (20%, uma descida de 17 pontos), e um número crescente declara opor-se à ideia de o fazer.

Esta posição é consistente com o padrão observado anteriormente no que diz respeito à sua perceção do valor da construção sustentável: 30% dos representantes eleitos acreditam que esta cria menos valor do que a construção tradicional ou nenhum valor de todo.

UM NÍVEL CONSISTENTE DE COMPROMISSO ENTRE OS PROFISSIONAIS

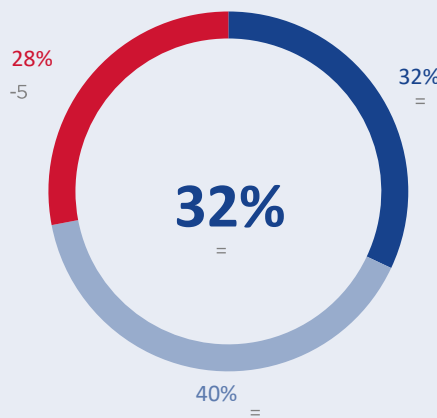
Está pessoalmente preparado para realizar mais trabalhos que tenham em conta a construção sustentável?



- Sim, já o fiz
- Sim, é essa a minha intenção
- Não

Base: profissionais (1 500 inquiridos) – resposta única

Avalia a pegada de carbono dos seus projetos de construção sustentável?



- Sim, de forma sistemática
- Sim, mas apenas de vez em quando
- Não, nunca

Base: profissionais envolvidos na construção sustentável (1 208 inquiridos) – resposta única



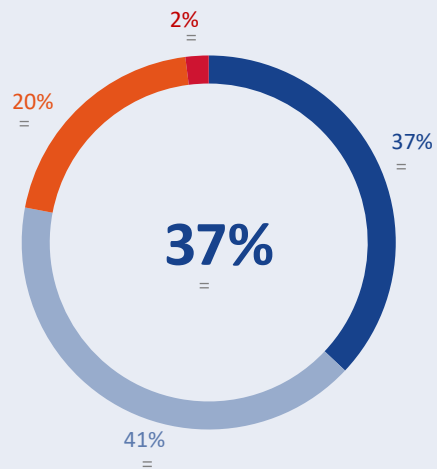
A adesão à construção sustentável continua elevada entre os profissionais: embora 85% estejam a planear ou já estejam a realizar mais projetos que incorporam práticas sustentáveis, apenas 30% o fazem atualmente – um valor que se mantém inalterado em relação ao ano passado. Apenas uma minoria (15%) continua reticente

Entre os profissionais que já trabalham na construção sustentável, 32% afirmam que avaliam sistematicamente a pegada de carbono dos seus projetos. 40% dizem fazê-lo ocasionalmente, enquanto 28% afirmam nunca avaliar a pegada de carbono, um número que está em declínio.

A aplicação sistemática de práticas de construção sustentável continua, assim, a ser limitada.

FORMAÇÃO EM CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL: UM MOTOR DE CRIAÇÃO DE EMPREGO

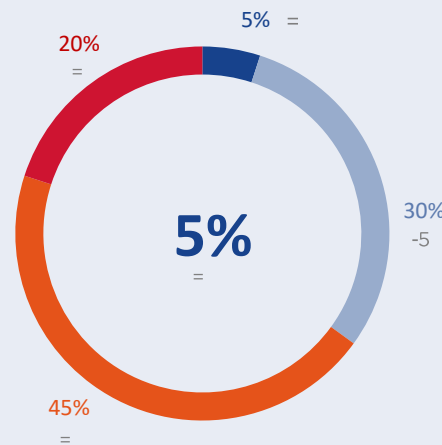
Na sua opinião, a sua formação na área da construção sustentável é um critério que pode fazer a diferença na obtenção de um emprego?



● Sim, sem dúvida ● Sim, de certa forma
 ● Não, nem por isso ● Não, de forma alguma

Base: estudantes que recebem aulas sobre construção sustentável (1 321 inquiridos) – resposta única

Está pessoalmente disposto a aceitar uma oferta de emprego numa empresa que não está empenhada na construção sustentável?



● Não, de forma alguma ● Não, nem por isso
 ● Sim, de certa forma ● Sim, sem dúvida

Base: estudantes (1 500 inquiridos) – resposta única



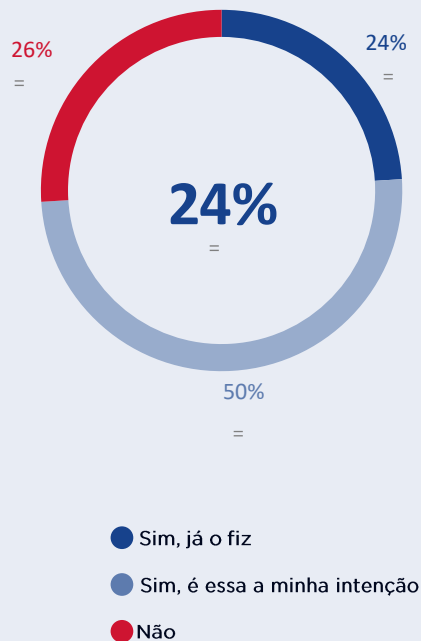
Entre os estudantes com formação em construção sustentável, 37% consideram a sua formação um fator essencial para encontrar emprego. No total, 78% (valor estável) consideram esta formação um fator que pode fazer a diferença na procura de emprego.

No entanto, embora a formação em construção sustentável possa ser uma vantagem no mercado de trabalho, apenas 5% dos estudantes recusariam categoricamente uma oferta de emprego de uma empresa que não esteja comprometida com a construção sustentável – um valor que se tem mantido estável.

Assim, embora a construção sustentável seja amplamente vista como um fator de empregabilidade, raramente se traduz numa recusa firme em trabalhar para empregadores menos comprometidos com a sustentabilidade.

ESTABILIDADE NOS BOICOTES POR PARTE DAS ASSOCIAÇÕES

Está pessoalmente disposto a boicotar as empresas de construção que não estão a fazer o suficiente para construir de forma mais sustentável?



24 % das associações já apelaram ao boicote de empresas que não demonstram um compromisso suficiente com uma construção mais sustentável.

Uma em cada duas associações está a considerar este tipo de iniciativa, um valor que se mantém inalterado em relação ao ano passado.



Estudo qualitativo

Investimento na construção: qual é o papel da adaptação e da resiliência?

Conceitos-chave

Adaptação

A adaptação consiste nas alterações introduzidas num edifício, numa infraestrutura ou num projeto, com o objetivo de se ajustar a novas condições (climáticas, regulamentares, tecnológicas, etc.).

O seu objetivo é tornar o ambiente construído compatível com as mudanças atuais ou previsíveis.

Exemplos:

- Melhorar o isolamento para resistir melhor às ondas de calor ou às ondas de frio.
- Elevar os edifícios em zonas propensas a inundações.
- Utilizar sistemas de ventilação natural para reduzir a dependência do ar condicionado.
- Utilizar materiais resistentes à humidade ou às tempestades.

A adaptação pode ser reativa ou proativa: pode ser planeada com antecedência ou implementada em resposta a uma mudança.



A adaptação é uma das componentes da resiliência

A resiliência engloba a adaptação, mas acrescenta-lhe robustez e flexibilidade perante circunstâncias imprevistas.

Exemplos :

- A adaptação de um edifício à beira-mar pode implicar elevar o rés-do-chão (para proteção contra inundações).
- A resiliência é alcançada através da combinação desta adaptação com materiais resistentes à corrosão, um sistema de alimentação elétrica independente e um plano de evacuação.

Resiliência

A resiliência vai um passo além: significa conceber ou adaptar um edifício de forma a que este consiga resistir a choques, absorver impactos e recuperar rapidamente após uma perturbação (causada por uma catástrofe natural, uma crise energética, etc.).

Garante a durabilidade e a funcionalidade do ambiente construído, mesmo durante eventos extremos ou imprevistos.

Exemplos:

- Estruturas resistentes a furacões.
- Sistemas redundantes (eletricidade, água) para garantir o abastecimento durante interrupções no serviço.
- Espaços modulares que possam ser adaptados a novas utilizações (por exemplo, para servir de abrigos em caso de crise).
- Autossuficiência energética (painéis solares, recolha de água da chuva).

A resiliência é uma abordagem holística: tem em conta múltiplos riscos e cenários, com foco na longevidade e na capacidade de recuperação. Combina adaptação climática, segurança e flexibilidade de utilização.

ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA E RESILIÊNCIA: AMPLAMENTE RECONHECIDAS, MAS RARAMENTE IMPLEMENTADAS



Embora a adaptação às alterações climáticas e a resiliência sejam hoje amplamente reconhecidas como necessárias, continuam a ser difíceis de traduzir em estratégias e práticas concretas.

A imaturidade do mercado, a complexidade dos quadros normativos existentes e um modelo de negócio que continua pouco claro continuam a impedir a sua implementação generalizada, para além de um pequeno número de pioneiros.



“No âmbito do nosso compromisso com a sustentabilidade, pretendemos alcançar a neutralidade carbónica em toda a nossa carteira de financiamento até 2050. A mitigação é claramente a nossa principal ferramenta, com metas quantificadas. Não foram definidas metas específicas no que diz respeito à adaptação.”

(Banco Universal)



RECONHECIMENTO DA IMPORTÂNCIA DA ADAPTAÇÃO E DA RESILIÊNCIA, MAS IMPLEMENTAÇÃO LIMITADA

A adaptabilidade e a resiliência são hoje questões reconhecidas em todo o sector financeiro.

No entanto, a sua implementação continua a ser limitada devido a :

- Normas fragmentadas
- Modelos de risco complexos
- Reflexo inadequado nas demonstrações financeiras
- Retorno do investimento incerto

DIFERENÇA DE MATURIDADE ENTRE AS PARTES INTERESSADAS

- Companhias de seguros → As mais maduras (integração baseada no risco)
- Bancos de desenvolvimento → Líderes no seu sector (foco nas infraestruturas)
- Bancos universais → Grandes variações, com a mitigação ainda a prevalecer

O PRINCIPAL OBSTÁCULO: RETORNO DO INVESTIMENTO

Existem barreiras a montante, mas os principais obstáculos são de natureza económica:

- Não existe um indicador simples equivalente ao CO₂
- Benefícios a longo prazo e incertos
- Custos imediatos e visíveis

Enquanto o retorno do investimento em resiliência não for padronizado e não puder ser incorporado diretamente na tomada de decisões, continuará a ser visto como um custo, em vez de um fator impulsionador do desempenho.

CADEIA DE TOMADA DE DECISÕES PARA A ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA E A RESILIÊNCIA

As barreiras e os obstáculos são apresentados nas páginas seguintes através de uma representação esquemática da cadeia de tomada de decisões de investimento.



ADAPTAÇÃO E RESILIÊNCIA MANTÊM-SE À MARGEM, MUITAS VEZES ATIVADOS APENAS DEPOIS DE UMA CRISE

Conscientização e priorização dos riscos



Apesar da frequência crescente de fenômenos meteorológicos extremos, a adaptação e a resiliência ainda não foram plenamente integradas na tomada de decisões económicas. Os riscos físicos a longo prazo continuam a ser mal compreendidos e são frequentemente vistos como abstratos, especialmente nas economias desenvolvidas.

A sensibilização aumenta geralmente na sequência de grandes catástrofes, o que evidencia uma abordagem que continua a ser, em grande medida, reativa. Em muitas regiões, especialmente nos países em desenvolvimento, as partes interessadas apontam para uma falta de maturidade coletiva nestas questões. Isto reflete principalmente uma barreira social: a adaptação tem dificuldade em ganhar força no debate público e nas prioridades estratégicas.

No entanto, a crescente visibilidade das catástrofes relacionadas com o clima e as expectativas sociais em mudança poderão aumentar gradualmente a sensibilização para estas questões.



“Nada vai realmente mudar até que as catástrofes climáticas comecem a afetar diretamente os países ricos e as pessoas abastadas, porque os seres humanos só agem quando uma crise os atinge.”

(Banco Universal)



“Os governos estão a tomar medidas, mas a mentalidade do público também tem de mudar, e penso que as novas gerações vão mudar isso.”

(Banco de desenvolvimento)

EXISTEM ORIENTAÇÕES EM VIGOR, MAS A PRIORIZAÇÃO CONTINUA A SER GEOGRAFICAMENTE DESIGUAL

Orientações políticas e de mercado



Existem, de facto, regulamentações sobre adaptação e resiliência, mas a sua implementação continua a ser inconsistente e, muitas vezes, recebe menor prioridade do que outras questões. Nas economias desenvolvidas, o foco continua a centrar-se principalmente na transição energética, na competitividade e na descarbonização. Nas economias emergentes, as questões sociais prementes e as necessidades básicas de infraestruturas tendem a relegar a adaptação para um segundo plano.

A falta de alinhamento entre os quadros nacionais, regionais e locais cria incerteza para os decisores económicos. Os incentivos financeiros para a adaptação e a resiliência continuam limitados, e os sinais do mercado ainda parecem fracos, particularmente para as pequenas e médias empresas.

Neste contexto, estão a surgir algumas iniciativas privadas, enquanto requisitos mais rigorosos de transparência climática e a introdução de incentivos públicos direcionados estão gradualmente a ajudar a moldar o panorama.



“Neste momento, a atenção centra-se nas necessidades imediatas, como hospitais e infraestruturas essenciais, e não na adaptação a longo prazo.”
(Banco de desenvolvimento)



“Assim que a nossa versão local da Norma IFRS S2* for implementada, os clientes sujeitos a esse requisito começarão a considerar seriamente o risco climático.”
(Banco Universal)



“Precisamos de empresas privadas dinâmicas e inovadoras que ofereçam soluções concretas e que colaborem com os decisores políticos, identificando os pontos críticos e indicando o apoio político necessário.”
(Banco Universal)

* A norma de relato de sustentabilidade da ISSB, que define as informações a divulgar relativamente a riscos e oportunidades relacionados com o clima, governação, estratégia e gestão de riscos, bem como indicadores e metas, incluindo emissões de GEE (Âmbitos 1, 2 e 3) e, quando aplicável, divulgações relacionadas com a transição.

PARÂMETROS DE REFERÊNCIA E NORMAS QUE CONTINUAM A SER COMPLEXOS E DE POUCA UTILIDADE PRÁTICA

Estruturas e normas



Nos últimos anos, foram desenvolvidas taxonomias, quadros e normas relacionadas com a adaptação e a resiliência. No entanto, são frequentemente consideradas complexas, pouco práticas e difíceis de aplicar por quem não é especialista.

A avaliação das medidas de adaptação e resiliência baseia-se fortemente em critérios qualitativos, com poucos limiares ou indicadores padronizados. Esta situação perpetua a fragmentação entre os quadros internacionais, as variações locais e as certificações existentes, dificultando o alinhamento ao longo da cadeia de valor.

Consequentemente, a adaptação e a resiliência são frequentemente subsumidas em quadros de sustentabilidade mais amplos ou confundidas com a mitigação, na ausência de referências claras para identificar, validar e comparar as medidas relevantes.

Ao mesmo tempo, estão a surgir iniciativas sectoriais e ferramentas de apoio para clarificar as práticas e facilitar a adoção das normas existentes.



“Mudar os sistemas de aquecimento, ventilação e ar condicionado a partir do piso térreo, ou encontrar uma forma de reduzir o consumo de água em caso de seca, é uma medida muito difícil e pouco comum, em comparação com a produção de gigawatts.”

(Banco Universal)



“Em muitas taxonomias, não se especifica qual o nível de certificação de edifícios sustentáveis que seria considerado «sustentável».”

(Banco Universal)



“Os investidores ou promotores procuram frequentemente algum tipo de selo de aprovação do sector que indique: «Muito bem, concentrem-se nestes cinco aspetos... apoiem essas empresas... utilizem esses produtos».”

(Banco Universal)

PRAZOS DE INVESTIMENTO DESALINHADOS COM OS RISCOS FÍSICOS A LONGO PRAZO

Macro análise e diagnóstico



Ao nível dos portfólios, a integração dos riscos físicos relacionados com o clima continua a ser limitada por uma diferença inerente na escala temporal. As decisões relativas ao investimento, ao crédito e à detenção de ativos têm, normalmente, um horizonte temporal muito mais curto do que a escala temporal das alterações nos riscos climáticos.

Neste contexto, os potenciais impactos a longo prazo continuam a ter pouco peso nas decisões de alocação de capital e nas escolhas de investimento. Além disso, nem todos os intervenientes financeiros operam no mesmo horizonte temporal, o que dificulta o alinhamento dos incentivos.

A adaptação e a resiliência continuam, assim, a ser questões marginais em muitas estratégias de carteira, apesar de alguns investidores a longo prazo e requisitos regulamentares estarem a começar a incorporar cenários de risco físico de forma mais explícita.



“Um banco comercial concede normalmente empréstimos a curto prazo e, a curto prazo, em termos de risco de crédito, isso pode não ter grande impacto.”
(Banco de desenvolvimento)



“Muitos [gestores de ativos] não mantêm os ativos durante tanto tempo. Pensam: «Vou ficar com este edifício durante cinco anos e depois vendo-o».”
(Banco Universal)



“Siga o dinheiro. Se os investidores estiverem a avaliar este risco para tomar decisões relativas à gestão de carteiras ou à devida diligência, isso transmite uma mensagem muito forte.”
(Companhia de seguros)



“Quem quer que venha a ser responsável pela gestão e manutenção deste ativo de custo tão elevado no futuro, deverá garantir que os benefícios sociais e financeiros sejam mantidos da forma mais ininterrupta possível.”
(Companhia de seguros)

FERRAMENTAS TÉCNICAS QUE CONTINUAM A SER DIFÍCEIS DE IMPLEMENTAR E INTEGRAR

Micro análise e diagnóstico



Ao nível dos projetos, a avaliação e integração de medidas de adaptação e resiliência continuam frequentemente a ser complexas, dispendiosas e altamente dependentes do contexto local. As avaliações de riscos físicos exigem conhecimentos especializados, o que pode constituir um obstáculo, especialmente para projetos de pequena escala.

As medidas de adaptação e resiliência estão também intimamente ligadas ao ambiente em que os ativos operam — infraestruturas, redes, desenvolvimentos urbanos —, o que limita a sua normalização e complica a sua integração em carteiras ou instrumentos financeiros.

Os mecanismos de avaliação e os incentivos existentes tendem também a favorecer as novas construções, enquanto a renovação de propriedades existentes, que estão frequentemente mais expostas ao risco, continua a ser mais difícil de organizar.

No entanto, estão a surgir ferramentas simplificadas e mecanismos de apoio para facilitar a abordagem inicial e ajudar a identificar as vulnerabilidades prioritárias.



“A avaliação dos objetivos de sustentabilidade incentiva, por vezes, a construção de novos edifícios em detrimento da reabilitação de edifícios existentes”
(Banco Comercial)



“Os requisitos da taxonomia exigem uma avaliação robusta dos riscos climáticos e da vulnerabilidade (CRVA), o que muitas vezes resulta demasiado dispendioso para projetos de pequena dimensão.”
(Banco de desenvolvimento)



“Existem ferramentas disponíveis para os ajudar, mas muitas vezes as empresas ou os governos não sabem bem por onde começar.”
(Companhia de seguros)



“A solução mais fácil de alcançar é provavelmente a construção de novas infraestruturas.”
(Companhia de seguros)

QUADRO DE AVALIAÇÃO ECONÓMICA QUE AINDA CARECE DE ESTABILIDADE

Análise de viabilidade e ROI



Um dos principais obstáculos à implementação de medidas de adaptação e resiliência é a dificuldade em demonstrar claramente o seu retorno económico. Ao contrário da mitigação, que se baseia em indicadores amplamente aceites, a adaptação e a resiliência carecem de métricas simples e padronizadas para avaliar e comparar os benefícios.

Os custos são imediatos, visíveis e concentram-se nas fases iniciais, enquanto os benefícios são de longo prazo, probabilísticos e, muitas vezes, indiretos (redução de perdas futuras, continuidade das atividades, preservação do valor). Esta assimetria dificulta a incorporação de considerações de adaptação e resiliência em modelos financeiros, análises de crédito ou decisões de investimento.

A tradução de riscos físicos em variáveis financeiras operacionais ainda é aplicada de forma inconsistente pelas diferentes partes interessadas. Neste contexto, certos indicadores, particularmente os do sector dos seguros, estão a começar a tornar os impactos económicos do risco físico mais tangíveis, embora ainda não constituam um quadro estável para avaliação.



“We collect the data and assess the risk, but we have not yet in a systematic, robust manner, managed to embed it into the credit risk.”

(Banco de desenvolvimento)



“Os editores de dados ESG deveriam poder expressar os benefícios estimados utilizando uma métrica comum, comparável ao tCO₂eq. no que diz respeito à mitigação, o que facilitaria a tomada de decisões por parte dos credores e investidores.”

(Banco Universal)



“Estamos a trabalhar para integrar a certificação no processo de análise de crédito, de modo a deixar claro que não se trata de um fim em si mesma: ela já contém informações essenciais sobre o projeto imobiliário e a empresa, que podem ser utilizadas na avaliação financeira.”

(Banco de desenvolvimento)

INSTRUMENTOS FINANCEIROS QUE CONTINUAM A SER MARGINAIS E DIFÍCEIS DE NORMALIZAR

Estruturação e financiamento



Existem poucos instrumentos financeiros explicitamente dedicados à adaptação e à resiliência. O mercado continua, em grande parte, estruturado em torno de instrumentos centrados na mitigação, nomeadamente obrigações verdes e produtos relacionados com a eficiência energética ou com novas construções.

Os projetos de adaptação e resiliência são frequentemente de dimensão modesta, fragmentados e altamente específicos ao contexto, o que dificulta a sua agregação e transformação em produtos financeiros padronizados. A rastreabilidade e a transparência da utilização dos fundos também podem suscitar questões, particularmente em alguns mercados emergentes.

Isto limita a liquidez e a comparabilidade dos instrumentos financeiros dedicados à adaptação e à resiliência. No entanto, os instrumentos financeiros de alguns emitentes pioneiros, nomeadamente no sector público, são prova de uma tendência emergente que ainda se encontra na fase experimental.



“A construção sustentável com certificações como a BREEAM está bem consolidada, pelo que é muito mais fácil. No caso da adaptação, é frequente haver muitos pequenos projetos que precisam de ser agrupados para que o financiamento seja viável.”

(Banco Universal)

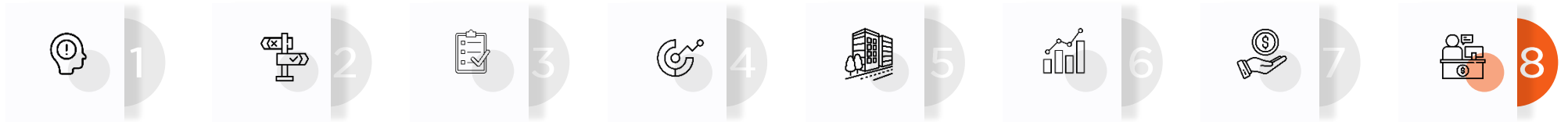


“O Governo Metropolitano de Tóquio emitiu o primeiro título de resiliência para melhorar as infraestruturas de forma a resistir a inundações e terremotos.”

(Banco Universal)

IMPLEMENTAÇÃO / CONCRETIZAÇÃO CONTINUA A SER UMA QUESTÃO SECUNDÁRIA, TRAVADA PELA TOMADA DE DECISÕES NAS FASES ANTERIORES

Implementação
operacional e
comercial



Nesta fase de maturidade do mercado, a maioria dos obstáculos à adaptação e à resiliência reside nas fases iniciais do processo de tomada de decisão. Os desafios da implementação operacional têm, por isso, sido explorados com menos pormenor, não porque o processo seja intrinsecamente simples, mas porque os projetos raramente chegam a esta fase.

Quando são propostas soluções, a sua implementação pode ser dificultada por uma desconexão entre a estratégia e a realidade no terreno. O pessoal em contacto com o cliente (consultores bancários, equipas de vendas, gestores locais) carece, por vezes, de incentivos, ferramentas adequadas ou orientações claras para promover produtos e serviços relacionados com a adaptação e a resiliência.

A compreensão destes produtos por parte dos utilizadores finais permanece, assim, limitada, especialmente no caso das pequenas e médias empresas e dos consumidores individuais. A implementação operacional da adaptação e da resiliência depende, portanto, fortemente da capacidade das organizações para alinhar a governação, os sistemas de informação e os objetivos empresariais.



“Com base nos projetos de mitigação em que trabalhei, uma questão que se coloca é como é que isto funciona, na prática, ao nível das agências. Os consultores são orientados por indicadores-chave de desempenho (KPI) de vendas, pelo que, sem um alinhamento entre a sede e as agências, a adaptação não será realmente implementada.”

(Banco de desenvolvimento)

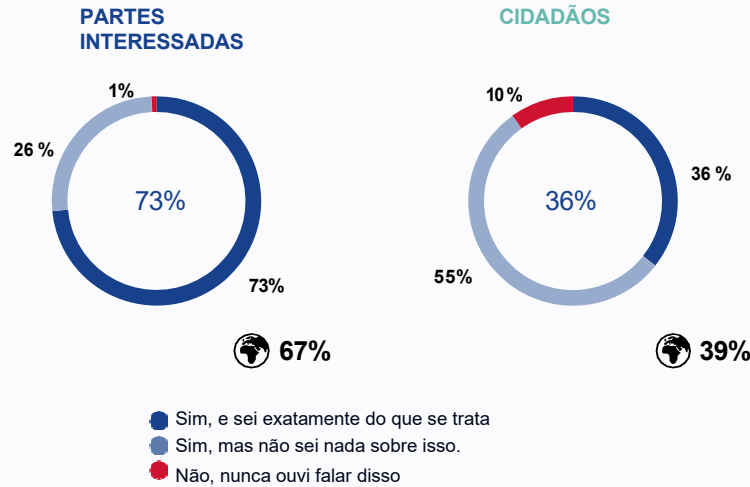


Resultados Portugal

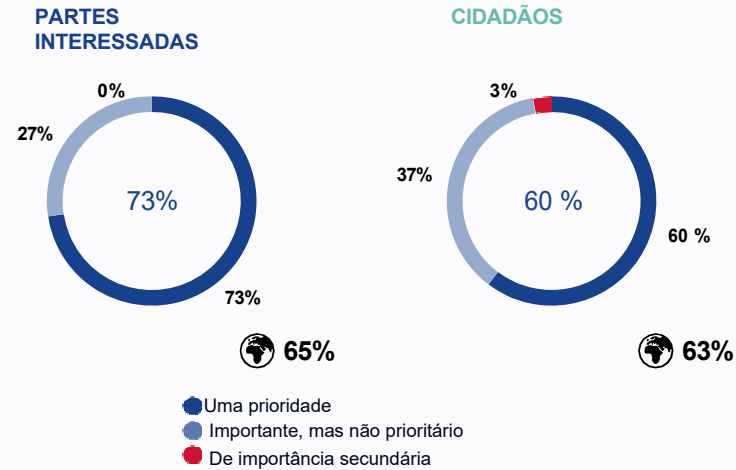


Indicadores-chave

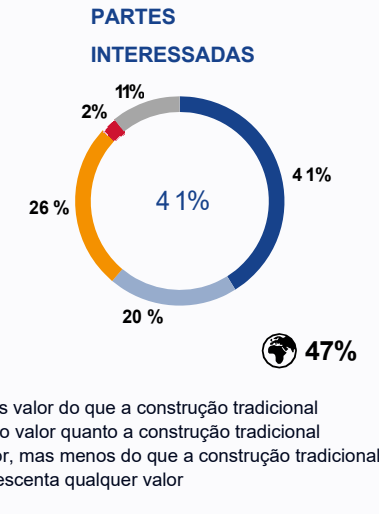
Está familiarizado com o conceito de construção sustentável ou já ouviu falar dele?



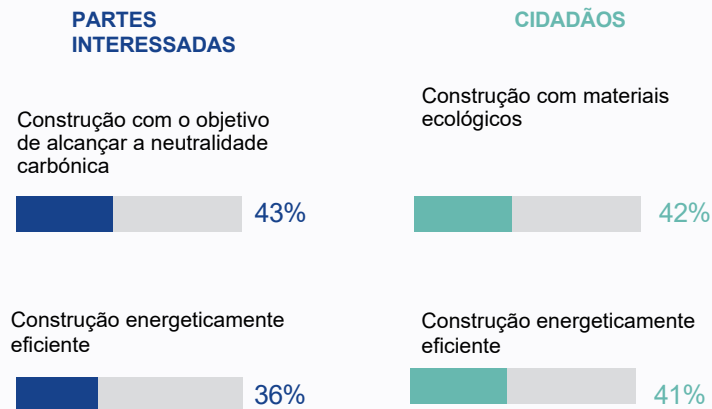
Na sua opinião, diria que a implementação de práticas de construção mais sustentáveis é...?



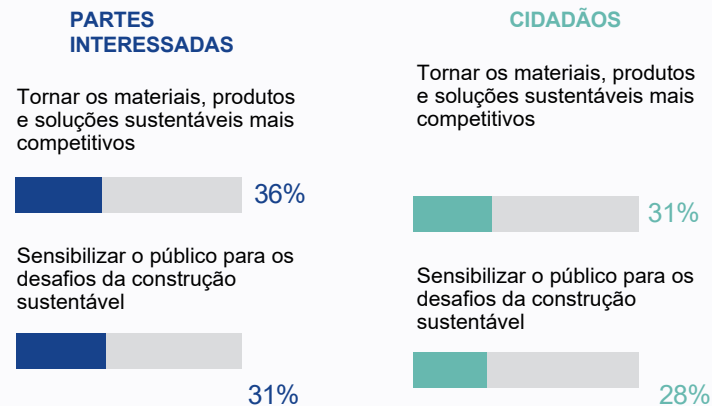
Na sua opinião, hoje em dia, a construção sustentável, tendo em conta tanto a sua rentabilidade económica como o seu valor global (ambiental, social, patrimonial)...



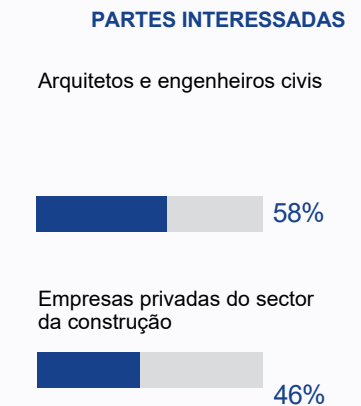
Qual das seguintes definições se adequa melhor à construção sustentável? (TOP 2)



Qual das seguintes definições se adequa melhor à construção sustentável? (TOP 2)



Qual das seguintes opções considera ser a mais adequada para promover a construção sustentável? (TOP 2)





Anexos











Resultados adicionais

A COMPETITIVIDADE, A SENSIBILIZAÇÃO E O ALINHAMENTO DAS PARTES INTERESSADAS CONTINUAM A SER PRIORIDADES


➔ Na sua opinião, qual das seguintes medidas deve ser implementada com prioridade para acelerar o desenvolvimento da construção sustentável?

Detalhes das respostas à pergunta apresentada na página 20.








	Evol.	ÁFRICA	AMÉRICA DO NORTE	AMÉRICA LATINA	ÁSIA-PACÍFICO	EUROPA	MÉDIO ORIENTE
Tornar os materiais, produtos e soluções sustentáveis mais competitivos  32%	=	34	34	32	<u>28</u>	32	40
Sensibilizar o público para os desafios da construção sustentável  31%	=	35	31	38	35	<u>25</u>	45
Sensibilizar todas as partes interessadas e reforçar a sua colaboração  30%	=	35	36	35	30	<u>25</u>	33
Tornar o desempenho sustentável das construções mais visível e transparente  27%	=	34	31	27	31	<u>23</u>	33
Dar prioridade à utilização de biomateriais em detrimento dos materiais convencionais  26%	-	28	23	25	32	<u>23</u>	30
Train professionals more  22%	=	23	20	27	23	23	<u>11</u>
Propor soluções inovadoras  21%	=	26	<u>16%</u>	20	26	<u>18</u>	28
Renovar edifícios existentes  17%	=	<u>10</u>	17	<u>8</u>	<u>12</u>	25	<u>8</u>

Base: partes interessadas (4 800 inquiridos) – várias respostas possíveis ordenadas por preferência – Apenas as 8 respostas mais frequentes são apresentadas (15 respostas no total).

A COMPETITIVIDADE, A SENSIBILIZAÇÃO E O ALINHAMENTO DAS PARTES INTERESSADAS CONTINUAM A SER PRIORIDADES

 Na sua opinião, qual das seguintes medidas deve ser implementada com prioridade para acelerar o desenvolvimento da construção sustentável?

Detalhes das respostas à pergunta apresentada na página 20.









	Evol.	ÁFRICA	AMÉRICA DO NORTE	AMÉRICA LATINA	ÁSIA-PACÍFICO	EUROPA	MÉDIO ORIENTE
Aumentar a ajuda pública aos particulares  11%	+2	8	9	8	9	14	6
Avançar no sentido de uma maior regulamentação  11%	=	10	19	19	11	8	6
Aumentar o apoio público aos profissionais  10%	=	10	9	11	9	10	15
*Estabelecer regulamentação para ajudar a aumentar as renovações energéticas  9%	=	-	-	-	-	21%	-
Avançar no sentido de uma menor regulamentação  7%	=	2	9	7	5	9	2
Dar prioridade à habitação coletiva  6%	=	6	8	6	8%	6	6
Simplificar o papel dos rótulos e da certificação  6%	=	5	7	5	8	6	6

Base: partes interessadas (4 800 inquiridos) – várias respostas possíveis ordenadas por prioridade – Apenas as últimas 7 respostas são apresentadas (15 respostas no total) | * Termo utilizado apenas na Europa

A COMPETITIVIDADE E A SENSIBILIZAÇÃO TAMBÉM SÃO PRIORIDADES PARA OS CIDADÃOS


Na sua opinião, qual das seguintes medidas deve ser implementada com prioridade para acelerar o desenvolvimento da construção sustentável?

Detalhes das respostas à pergunta apresentada na página 21.








	Evol.	ÁFRICA	AMÉRICA DO NORTE	AMÉRICA LATINA	ÁSIA-PACÍFICO	EUROPA	MÉDIO ORIENTE
Tornar os materiais, produtos e soluções sustentáveis mais competitivos  32%	=	<u>30</u>	34	34	39	<u>28</u>	33
Sensibilizar o público para os desafios da construção sustentável  29%	-1	37	<u>24</u>	38	35	<u>23</u>	30
Tornar o desempenho sustentável das construções mais visível e transparente  28%	+2	33	28	32	37	<u>22</u>	32
Dar prioridade à utilização de biomateriais em detrimento dos materiais convencionais  28%	-	28	26	28	37	<u>24</u>	26
Sensibilizar todas as partes interessadas e reforçar a sua colaboração  22%	+2	33	<u>17</u>	26	26	<u>15</u>	25
Propor soluções inovadoras  21%	-1	23	<u>19</u>	23	<u>21</u>	21	20
Renovar edifícios existentes  17%	-2	<u>13%</u>	18%	<u>9</u>	<u>11</u>	23	<u>14</u>
Formar mais profissionais  16%	+2	18	15	18	18	16	<u>12</u>

Base: cidadãos (30 000 inquiridos) – várias respostas possíveis, ordenadas por preferência – Apenas as 8 respostas mais votadas são apresentadas (15 respostas no total).

A COMPETITIVIDADE E A SENSIBILIZAÇÃO TAMBÉM SÃO PRIORIDADES PARA OS CIDADÃOS

 Na sua opinião, qual das seguintes medidas deve ser implementada com prioridade para acelerar o desenvolvimento da construção sustentável?

Detalhes das respostas à pergunta apresentada na página 21.

	Evol.	ÁFRICA	AMÉRICA DO NORTE	AMÉRICA LATINA	ÁSIA-PACIFICO	EUROPA	MÉDIO ORIENTE
Aumentar a ajuda pública aos particulares  13%	-	14	14	10	8	15	15
Aumentar o apoio público aos profissionais  10%	=	10	9	10	9	10	12
Dar prioridade à habitação coletiva  8%	=	8	10	8	7	8	10
Avançar no sentido de uma maior regulamentação  8%	-	7	11	12	7	7	10
Estabelecer regulamentação para ajudar a aumentar as renovações energéticas  8%	-	-	-	-	-	18%	-
Simplificar o papel dos rótulos e da certificação  7%	=	4	8	6	7	8	10
Avançar no sentido de uma menor regulamentação  7%	+1	3	8	5	5	9	7

Base: cidadãos (30 000 inquiridos) – várias respostas ordenadas possíveis – Apenas as últimas 7 respostas são apresentadas (15 respostas no total) | * Termo utilizado apenas na Europa

UMA QUESTÃO DE CONFIANÇA E DE VALOR PERCEBIDO

➤ Indicou que pretende afastar-se do sector da construção sustentável. Quais são as principais razões?

PERGUNTA NOVA

Detalhes das respostas à pergunta apresentada na página 17.



The Sustainable Construction Observatory

BY SAINT-GOBAIN

Para saber mais e explorar a edição de 2026 do nosso Barómetro, visite o site do Observatório da Construção Sustentável:
www.saint-gobain.com/en/observatory/2026-sustainable-construction-barometer
sustainable-construction-observatory@saint-gobain.com

Para saber mais sobre a construção sustentável e os fatores que impulsionam o seu crescimento, visite a revista online Construindo um Futuro Sustentável:
<https://www.constructing-sustainable-future.com/en/home/>

AGRADECIMENTOS E CRÉDITOS

O Observatório da Construção Sustentável gostaria de agradecer às equipas da Occurrence-Ifop pela realização do estudo de campo que tornou possível a publicação deste Barómetro internacional.

Publicado pela Saint-Gobain – abril de 2026

Créditos fotográficos:

Página 2: photo of Benoit Bazin © Eric Garault.

Página 6 : © Shutterstock 1686677059

Página 8 : © Fahroni Shutterstock 2042204567

Página 13 : © Shutterstock 1933378337

Página 19 : © Shutterstock 1780170548

Página 24 : © Shutterstock 426867205

Página 28 : © Shutterstock 1588752748

Página 35 : Unsplash/ashkan-forouzani

Créditos dos ícones: Páginas 37 a 45

Panic por IconMark do Noun Project (CC BY 3.0)

Choice por fahmi do Noun Project (CC BY 3.0)

Compliance por Jagat Kreasi do Noun Project (CC BY 3.0)

Pie Chart por I Putu Dicky Adi Pranatha do Noun Project (CC BY 3.0)

Edifício por krisna arga muria do Noun Project (CC BY 3.0)

Gráfico por Waleed do Noun Project (CC BY 3.0)

Dinheiro por Sunardi do Noun Project (CC BY 3.0)

Caixa de banco por bunda do Noun Project (CC BY 3.0)

Todos os direitos reservados.